

## **Apresentação**

### **Dossiê “Língua Francesa no Brasil: perspectivas para o ensino, pesquisa e formação docente”**

DOI:10.47677/gluks.v24i2.514

Albuquerque-Costa, Heloísa  
Parot de Sousa, Claire  
Gomes, Rita de Cássia

#### **Introdução**

No Brasil, nos últimos anos, o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) se expandiu de forma significativa se considerarmos alguns fatores como o rápido desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), a expansão das políticas de internacionalização nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras ocasionando uma procura crescente por cursos de LE, necessários à preparação para a realização dos programas de mobilidade acadêmica, a oferta de formações mais específicas para atender às diversas demandas do mundo do trabalho, entre outros. Tais mudanças trouxeram impactos na vida do indivíduo em sociedade, em situações de seu cotidiano que envolvem suas relações familiares, culturais, políticas, profissionais e/ou escolares e acadêmicas, ocasionando mudanças de comportamentos e a explicitação de novas demandas.

Nesse contexto, um dos aspectos que mais tem sido evidenciado é a diversidade linguística e cultural presente nas interações nas quais os indivíduos estão inseridos, com destaque para o que ocorre nas IES que, com o desenvolvimento de políticas de internacionalização, têm criado progressivamente espaços de trocas interculturais e formações plurilíngues em diversos idiomas. Em seus projetos pedagógicos, cada vez mais é nítida a necessidade de explicitar como os eixos de ensino, pesquisa e extensão se articulam para formar o(s) futuro(s) profissionais de todas as áreas do conhecimento em uma perspectiva crítica-reflexiva plurilíngue e pluricultural.

Nesse sentido, entendemos que a formação do professor de LE deve ocupar um lugar

de destaque e atenção para o desenvolvimento dos projetos acadêmicos das IES e que gestores, docentes, discentes, devem participar ativamente na construção de ações e caminhos que concretizem essa perspectiva plurilíngue e pluricultural.

Em relação ao ensino e aprendizagem da língua francesa, a sua presença nas IES brasileiras é muito significativa nos Cursos de Graduação em Letras Francês, nos cursos de extensão universitária e nas ações e projetos de pesquisa desenvolvidos a partir de diferentes problemáticas. Nas áreas de ensino e aprendizagem, de tradução, de literatura e de culturas de expressão francesa e outras, as reflexões e problemáticas tratadas são diversas e levam docentes e discentes a refletir criticamente.

É nessa direção e perspectiva que o presente volume da revista Gláuks reúne produções de docentes-pesquisadores brasileiros no tocante ao ensino e aprendizagem da língua francesa e à formação do futuro professor de FLE.

O contexto do Ensino Superior é um aspecto comum a todas as produções reunidas no presente número. Os dois primeiros artigos evocam a necessidade de se propor um ensino crítico e reflexivo, seja no tocante aos instrumentos didáticos utilizados pelo professor seja na forma como é proposto o desenvolvimento de habilidades orais e escritas no contexto da sala de aula. No artigo intitulado "O que nos dizem as fotografias dos livros didáticos de FLE?", Denise Nishi e Suélen Rocha propõem uma análise de fotografias presentes em dois livros didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE) adotados pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Com base nos fundamentos teóricos de Cristóvão (2015) e os princípios da gramática do design visual (GDV) de Kress & Van Leeuwen (2006), o texto aponta para o papel crucial das imagens na construção de discursos e significados no mundo social, evidenciado que a observação da linguagem não verbal se torna essencial para desenvolver uma perspectiva crítica em cursos de língua estrangeira.

Na mesma via do ensino crítico-reflexivo, em "O ensino da compreensão oral em contexto universitário- implicações para a formação inicial de professores de língua francesa por meio de gêneros orais", Hyanna Medeiros e Larissa Rodrigues trazem perspectivas teóricas e práticas no tocante à compreensão oral em francês com objetivo universitário (FOU), pelo viés dos gêneros. Com enfoque na formação do professor de francês em nível inicial e dialogando com Bronckart (2022[2023]) e Machado (2002), as autoras apresentam uma conceitualização da escuta e compreensão oral (Lhote, 1995; Carrette, 2001) para

abordar o trabalho de exploração de documentos orais por meio de estratégias (Oxford, 1993; Cornaire, 1998). Enfatizando o papel desempenhado pelas ações da Rede ANDIFES Idiomas sem Fronteiras (IsF) no processo de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras e na formação inicial do estudante de Letras, o artigo traz a análise de um dos cursos contidos no catálogo de oferta nacional do Isf-Francês e aponta aspectos relativos à preparação do licenciando em Letras para atuar na regência de cursos dessa natureza. Com base em dados obtidos a partir de uma experiência vivenciada em uma IES localizada no nordeste do Brasil, o artigo evoca a necessária realização de práticas formativas voltadas para a docência no contexto da formação inicial, o que poderia auxiliar o professor-tutor-Isf (e o licenciando em Letras, de maneira mais abrangente) na exploração da compreensão oral por meio de estratégias, contribuindo de maneira mais significativa para seu fazer pedagógico, presente e futuro.

Corroborando a discussão evocada acima acerca da uma efetiva preparação prática dos licenciandos no âmbito da formação inicial, gostaríamos de ressaltar que esse é um dos objetivos da licenciatura em Letras no contexto universitário brasileiro. A articulação entre aspectos teóricos e práticos visa, exatamente, preparar o estudante para as situações que irá vivenciar no dia a dia da profissão docente. Nesse cenário, as disciplinas de estágio supervisionado desempenham um papel preponderante, pois é no curso de tais disciplinas que o licenciando irá experimentar a observação e a regência de aulas, ou seja, a prática efetiva do ensino, estabelecendo, assim, uma ponte entre ambiente acadêmico (universidade) e contexto escolar.

Segundo Nonato (2019), o processo de institucionalização da Didática no Brasil evidencia que a formação docente no contexto nacional foi marcada, em um primeiro momento, pelo foco nos conteúdos escolares. O preparo do formando nos ‘exercícios práticos’ como condição *sine qua non* de uma formação satisfatória do professor teria ocorrido, para este autor, com a implantação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura, o que teria configurado, em suas palavras, um “momento crucial para a delimitação de um espaço formalmente inédito das didáticas disciplinares como componente curricular da formação do professor [...]” (Nonato, 2019, p. 04).

Para Perrenoud, se o objetivo é formar profissionais hábeis na prática pedagógica, a formação inicial deveria proporcionar aos futuros professores um exercício de reflexão prática

sobre aquilo que se faz. Se assim fosse, seria oferecida uma “formação realmente profissional” (Perrenoud, 2012, p. 12). Essa preparação teórico-prática para o exercício da docência também é discutida por Tardif (2019). Apresentando o conceito de “saberes experienciais”, ou práticos, o autor defende a preparação pela prática na formação inicial do professor e afirma que o fazer pedagógico está em constante evolução, posto que não se trata de um “conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas” (Tardif, 2019, p. 14).

Apesar de haver uma certa marginalização da Didática na formação inicial, tal como apontado por Nonato (2019) e Perrenoud (2012), para quem a formação acadêmica dos professores deixa menos a desejar do que a formação didática e pedagógica, a breve contextualização teórica acima tem o intuito de enfatizar o papel preponderante desempenhado pelas disciplinas de estágio supervisionado na formação inicial do estudante de Letras, pois é graças a tais disciplinas que a formação do licenciando, no Ensino Superior, não fica restrita apenas a orientações teóricas.

No que tange especificamente à formação inicial do professor de francês como língua estrangeira, a nosso ver, a habilitação em Letras Português-Francês enfrenta um desafio significativo, tendo em vista que, em grande parte do território nacional, o idioma não é oferecido na educação básica. Os docentes-formadores das IES brasileiras se vêem, assim, frente a uma realidade que os obriga a criar espaços formativos para que os licenciandos possam desenvolver os aspectos práticos da docência. É nessa realidade que se insere o artigo intitulado “As disciplinas de estágio supervisionado de língua francesa como espaços de construção de futuros professores”, de Cíntia Kaspary et al. As autoras discorrem acerca da implementação de espaços alternativos de ensino, forjados por meio de oficinas de língua francesa elaboradas e ministradas por estudantes inscritos na disciplina de Estágio Supervisionado II, na Universidade Federal da Bahia. Com base em Defays (2015) e Pietraróia (2013), os autores demonstram a importância da iniciativa para promover a autonomia dos futuros professores de FLE, preparando-os para situações presentes e futuras no que tange ao ensino de francês. Os resultados apresentados no artigo apontam para questões relativas à autonomia na elaboração de material didático e regência de aula, os quais possibilitaram aos licenciandos assumir o papel de "professor-autor" (Orefice Júnior, 2022). Como consequência desse trabalho de formação docente e ensino de FLE, outro resultado

alcançado foi a democratização do ensino de uma língua estrangeira. O texto evidencia que tanto a comunidade interna quanto externa à universidade tiveram a oportunidade de iniciar seus estudos em língua francesa, atendendo a necessidades e objetivos específicos.

Realidade similar é evocada em “A produção de material didático de francês língua estrangeira (FLE) no âmbito das disciplinas de prática de ensino da Universidade Federal do Amazonas”. Mirley Witschoreck e Giovana Santos se apoiam nos conceitos de Educação Crítica (Freire, 2011; 2006; 2016) e Complexidade (Moraes, 2018; Morin, 2003) para discutir a importância de uma formação docente comprometida com práticas pedagógicas emancipatórias e, conseqüentemente, capazes de qualificar futuros educadores para atuarem em sala de aula. Apresentando e discutindo atividades didáticas elaboradas por licenciandos inscritos nas disciplinas de estágio supervisionado da instituição, as autoras elencam a produção de material didático como parte integrante do processo de formação de professores, pois, para elas, trata-se de uma prática ligada à formação de profissionais capacitados e à promoção e valorização de abordagens pedagógicas inovadoras. Isso porque, segundo as autoras, por meio da prática de elaboração e implementação do material elaborado, o graduando teria a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso de graduação, desenvolvendo habilidades como planejamento, adaptação curricular, gestão da sala de aula e a avaliação do aprendizado dos alunos. Outro fator suscitado pelas autoras diz respeito à utilização real dos recursos criados pelos licenciandos, posto que muitos deles atuam nos projetos de extensão da universidade: os projetos Centro de Línguas (CEL) e aqueles da Rede Idiomas sem Fronteiras (IsF). A experiência evocada pelas autoras contribui, assim, para uma formação inicial crítica, capaz de despertar a criatividade e iniciativa dos licenciandos, fortalecendo ao mesmo tempo a graduação em Letras da UFAM e os projetos de pesquisa e extensão universitária da instituição.

Os cinco artigos que seguem evocam questões relativas a aspectos culturais, não somente na constituição dos grupos sociais no Brasil em que há a presença de elementos culturais de origem francesa, como também no ensino e aprendizagem de FLE, além da formação de professores no contexto brasileiro.

Concordamos com Philippe Blanchet (2007, p. 22), que define a cultura como “um conjunto de dados, princípios e convenções que guiam os comportamentos dos atores sociais”. Os elementos culturais se colocam como uma base para a construção identitária de

um indivíduo de um grupo social, de forma contextualizada que, por sua vez, influenciam os comportamentos desse indivíduo na sociedade. Assim, na coletividade, os comportamentos de um indivíduo passam a ser vistos ou não como adequados no contexto cultural do grupo no qual a interação é realizada. Ao entrar em contato com indivíduos de outras culturas, o indivíduo é confrontado com perspectivas, valores, e formas de pensar e agir semelhantes e distintas das suas ao entrar em contato com o outro.

Nesse cenário, no artigo “O contexto francófilo da cidade de Pelotas, surgimento e duração”, Mariza Zanini apresenta aos leitores a importância da cultura francesa na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que recebeu, no século XIX, imigrantes vindos da França que formaram uma colônia na cidade. A Colônia de Santo Antônio, assim, exerceu forte influência na cidade, não somente no que tange às práticas agrícolas, voltadas à produção de vinhos e doces artesanais, e à forte tradição da pesca, mas também na valorização da língua francesa em seu sistema educacional, bem como ao fortalecimento dos professores de francês da cidade que participaram ativamente da criação de um comitê junto à Associação dos Professores de Francês do Rio Grande do Sul (APFRS). A autora apresenta, ao longo de seu artigo, como a cultura francesa trouxe impactos ao desenvolvimento da cidade de Pelotas, no âmbito histórico, financeiro, cultural e social, relacionando-os com a importância dos estudos de língua francesa em tal contexto.

Com ênfase nos modelos pedagógicos que levam em consideração a diversidade cultural, os artigos seguintes se fundamentam na inseparabilidade entre língua e cultura. Em tais modelos, a cultura pode ser vista como um elemento da interação que pode provocar reflexão, gerar diálogos, desenvolver a empatia entre sujeitos vindos de diferentes contextos socioculturais. Desse modo, em um modelo pedagógico baseado na interculturalidade, busca-se a preservação da identidade dos indivíduos envolvidos nessas relações, com o objetivo de uma postura de respeito e aceitação da alteridade (Kramsch, 2017). Segundo o pesquisador Michael Byram (2017, p. 109), a interculturalidade

se refere à capacidade de fazer a experiência de e de analisar a alteridade cultural, assim como utilizar essa experiência para refletir sobre temas tidos como evidentes em sua própria cultura e em seu próprio ambiente<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Tradução nossa. No original. (...) réfère à la capacité de faire l’expérience de et d’analyser l’altérité culturelle ainsi que d’utiliser cette expérience pour réfléchir à des sujets considérés comme allant de soi dans sa propre culture et son propre environnement.

Assim, de acordo com Michael Byram (2017), compreendemos que a interculturalidade se baseia na experiência da diversidade, considerando a capacidade de um indivíduo de vivenciar e analisar a diversidade cultural e a pluralidade dos grupos sociais.

Em consonância com o desenvolvimento de práticas interculturais, o artigo “Tandem luso-francófono: aprendizagem dentro de uma comunidade pluricultural” apresenta um relato de experiências de um projeto de extensão realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019. Com base em Brammerts et al. (2005), Daniela Hirakawa et al. definem o tandem como uma proposta de ensino e aprendizagem de LE que tem como característica fundamental a interação entre dois falantes nativos de diferentes línguas, com o interesse de aprender a língua do outro. O projeto desenvolvido, Tandem Luso-Francófono, seguiu os princípios de reciprocidade entre os participantes, de trabalho colaborativo, de autonomia e, no caso do projeto conduzido na UFMG, de autonomia guiada. Para a elaboração dos princípios do projeto, as autoras se apoiam nos estudos de Brammerts (2005), Souza (2003), Salomão et al. (2009) e Vassallo e Telles (2009). Os participantes eram compostos por estudantes da Faculdade de Letras e estudantes em mobilidade acadêmica na UFMG. As autoras apresentam, nessa esfera, as contribuições do projeto tanto para os falantes francófonos, originários de diferentes países de expressão em língua francesa, quanto para os estudantes brasileiros, resultando em um contato que proporcionou aos envolvidos uma interação linguística com base em relações interculturais.

No âmbito do ensino e aprendizagem de LE, compartilhamos a ideia de que a reflexão que se realiza para a compreensão das diferenças entre a sua cultura e a cultura da língua-alvo, buscando a adoção de uma postura racional e aberta, conduz ao desenvolvimento da competência intercultural dos aprendizes (Beacco, 2018), isto é, uma capacidade de gerenciar as diferenças culturais por meio de empatia e de maneira crítica, com uma postura de curiosidade em relação ao outro e à suas origens culturais e compreendendo e analisando tais diferenças de forma reflexiva.

No artigo “A competência intercultural nas aulas de Francês Língua Estrangeira (FLE)”, Renata Aiala apresenta suas reflexões como docente de FLE e as relações do desenvolvimento da competência intercultural de futuros professores de língua francesa na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Partindo da noção de interculturalidade, à luz de

Maddalena de Carlo (1998), e dos riscos de reprodução de estereótipos em sala de aula (Amossy, 1991), a autora apresenta uma proposta didática que permite o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes com o uso de documentos autênticos e utilizando a língua-alvo nas discussões propostas, de forma a combater preconceitos.

Ainda, observamos que a diversidade do contexto sociocultural dos aprendizes de língua francesa no Brasil tem trazido relevantes reflexões críticas no âmbito da formação inicial de professores de LE, as quais buscam incorporar às formações questões relacionadas não somente às relações interculturais, mas também levando em consideração a pluralidade dos contextos dos próprios professores em formação e dos alunos de LE.

Com ênfase no contexto multicultural da sociedade brasileira, Angela das Neves traz à discussão suas raízes europeias, afrodescendentes e ameríndias, para propostas que incluam a diversidade em suas práticas docentes. No artigo “A competência plurilíngue e multicultural no ensino universitário de FLE no Brasil”, a autora expõe a complexidade que a diversidade cultural traz para as práticas docentes. Além disso, Angela das Neves apresenta como a prática do ensino de FLE pautada na diversidade desenvolve a competência intercultural dos aprendizes, além de suas competências plurilíngue e pluricultural. Para tanto, baseia-se nas definições apresentadas por Daniel Coste, Danièle Moore e Geneviève Zarate (2009), considerando que ao construírem suas experiências em diferentes meios culturais nos quais diferentes vozes se entrecruzam (Beacco, 2000), os aprendizes podem refletir sobre suas próprias origens pluriculturais e plurilíngues. Nas propostas didáticas que apresenta, a autora evidencia não somente a diversidade dos falantes de língua francesa em diferentes continentes, mas também entre falantes da língua-alvo e a cultura dos próprios aprendizes, transformando a sala de aula em um espaço diverso e intercultural.

Considerando, igualmente, a realidade multicultural do Brasil, as autoras Solaneres Laértia Nunes Sabino Nascimento e Josilene Pinheiro-Mariz apresentam, no artigo “Literatura de autoria feminina e plurilinguismo nos cursos de letras: desafios e propostas”, uma discussão voltada à inclusão de propostas ligadas à leitura de textos literários de autoria feminina. Para tanto, baseiam-se em duas abordagens plurais, isto é, que destacam a relação com outras línguas-culturas: a abordagem intercultural e a abordagem da intercompreensão de línguas. Ao longo do artigo, as autoras trazem múltiplas contribuições e apontam para os desafios de tais práticas, discutindo o plurilinguismo presente no contexto brasileiro,



fundamentadas em Gilvan Oliveira (2009) e indicando os benefícios das abordagens plurais para estudantes dos cursos de Letras, com o intuito de permitir a esse público um contato com outras línguas e a interação entre diferentes culturas. Além disso, as autoras destacam a importância de um trabalho voltado à literatura de autoria feminina apoiando-se nos estudos de Lúcia Zolin (2009). Para exemplificar um trabalho relacionado a todos esses elementos, é apresentada uma experiência colocada em prática em um curso de extensão, oferecido remotamente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em 2022.

Este número da revista Gláuks teve por objetivo reunir discussões acerca do ensino e aprendizagem de língua francesa. Evocando as experiências ligadas ao ensino, pesquisa ou extensão universitária, os artigos que o compõem são oriundos de trabalhos efetuados por docentes e discentes-pesquisadores de diferentes IES brasileiras, evidenciando a forte presença da língua francesa no contexto do Ensino Superior no Brasil e a contribuição desses pesquisadores na produção científica e tecnológica no território nacional.

Esse trabalho conjunto também é refletido pela parceria empreendida entre as organizadoras do presente número. São docentes-pesquisadoras da Universidade de São Paulo, Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal de Viçosa, as quais, mesmo distantes geograficamente, atuam em parceria em projetos de pesquisa e programas de extensão universitária, fortalecendo o diálogo relativo ao ensino de francês, formação de professores no contexto nacional e de internacionalização das IES brasileiras.

### **Referências:**

AMOSSY, Ruth. *Les idées reçues : sémiologie du stéréotype*. Paris : Nathan. 1991.

BEACCO, Jean-Claude. *Les dimensions culturelles des enseignements de langues*. Paris: Hachette, 2000.

BEACCO, Jean-Claude. *L'altérité en classe de langue*. Pour une méthodologie éducative. Paris: Les Éditions Didier, 2018.

BLANCHET, Philippe. L'approche interculturelle comme principe didactique et pédagogique structurant dans l'enseignement/apprentissage de la pluralité linguistique. In DÍAZ, Maria Olga ; BLANCHET, Philippe. (orgs.) *Pluralité linguistique et approches interculturelles. Synergie Chile n° 3*, GERFLINT/Institut Franco-Chilien, p. 21-27, 2007. Disponível em : <<http://gerflint.fr/Base/chili3/blanchet.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRAMMERTS, H. Principes et objectifs. In: HELMLING, Brigitte. *L'apprentissage autonome des langues en tandem*. Paris: Didier, 2005.

BRAMMERTS, H. *et al.* Introduction. In: HELMLING, Brigitte. *L'apprentissage autonome des langues en tandem*. Paris: Didier, 2005.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução de Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Fábio Delano Carneiro Vidal, Lena Lúcia Espíndola Rodrigues Figueirêdo, Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues, Fatiha Dechicha Parahyba, Juliana Alves Assis e Celso Fraga da Fonseca. Fortaleza: Parole et vie, 2022 [2023].

BYRAM, Michael. L'éducation interculturelle: projet et procédures. In BEACCO, Jean-Claude ; COSTE, Daniel (org.) *L'éducation plurilingue et interculturelle*. La perspective du Conseil de l'Europe. Paris: Les Éditions Didier, 2017.

CARRETTE, E. 2001. « Mieux apprendre à comprendre l'oral en langue étrangère ». In CARTON, F. *Le Français dans le Monde*. Recherches et applications. Janvier 2001, pp.128-132). Paris : CLE International.

CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour les langues*. Paris: Didier, 2001.

CORNAIRE, C. *La compréhension orale*. Paris : CLE International, 1998

COSTE, Daniel; MOORE, Danièle; ZARATE, Geneviève. *Compétence culturelle et pluriculturelle*. Conseil de l'Europe, Division de Politiques Linguistiques, Strasbourg, 2009.

CRISTOVÃO, Maria Lucia Claro. A imagem nos livros didáticos de Francês Língua Estrangeira: funções, preconizações, possibilidades. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06102015-144619/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

DE CARLO, Maddalena. *L'interculturel*. Paris: CLE International, 1998.

DEFAYS, J. Enseigner le français – Langue étrangère et seconde. Approche humaniste de la didactique des langues et des cultures. Wavre, Belgique: Mardaga, 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo:

Paz e Terra, 2016.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira. *Bakhtiniana*, São Paulo, 12 (3): 134-152, Set./Dez. 2017.

KRESS, Gunther, VAN LEEUWEN, Theo R. Reading Images: The Grammar of visual design. New York: Routledge, 2006.

LHOTE, E. Pour une didactologie de l'oralité. Éla: Études de linguistique appliquée, v. 3-4, n. 123-124, p. 445-453, 2001. DOI: <https://dx.doi.org/10.3917/ela.123.0445>.

MACHADO, Anna Rachel. *Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professor: primeiro olhar*. Scripta, v. 6, n. 11, p. 41, 28 out. 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12448/9763> . Acesso em: 10 abr. de 2024

MORAES, M. C. *O Paradigma Educacional Emergente*. São Paulo: Papyrus, 2018.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8ª ed. São Paulo: Cortez; 2003.

NONATO, S. Metodologia de ensino de língua portuguesa na formação docente: incursão em um corpus de manuais pedagógicos. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, p. 01-23, 2019.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística*. *Synergies, Brésil*, número 7, p.19-26, 2009.

OREFICE JUNIOR, A. O ensino do FOS no curso de Relações Internacionais na USP: um olhar para as ações de ensino e de autoria do professor de francês. In: Org. ALBUQUERQUE-COSTA, H. *FOS e FOU na Universidade de São Paulo. Articulação entre Formação, Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Editora Pontes, 2022, p. 37-63.

OXFORD, R. Research update on teaching L2 listening. *System*, Tuscaloosa, v. 21, 2. ed., p. 205-211, mai. 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/0346-251X\(93\)90042-F](https://doi.org/10.1016/0346-251X(93)90042-F)

PERRENOUD, P. *Développer la pratique réflexive dans le métier d'enseignant*. Paris: ESF, 2012.

PIETRARROIA, C.M.C. Um novo docente para as novas demandas de aprendizagem do francês? In: PIETRARROIA, C.M.C; ALBUQUERQUE-COSTA, H. *Ensino de língua francesa em contexto(s)*. Série Enjeu, vol. 1, São Paulo : Paulistana/Capes, 2013, p.11-35.

SALOMÃO, A. C. B. *et al.* A aprendizagem colaborativa em Tandem: um olhar sobre seus princípios. In: TELLES, J. A. (org.). *Teletandem. Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Pontes, FAPESP, 2009.

SOUZA, R. A. Telecolaboração e divergência em uma experiência de aprendizagem de português e inglês como línguas estrangeiras. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 3, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/fHDWzF8JzsZXSfqtqVvMkYL/?lang=pt>. Acesso em 24/06/2024.

TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, J. A. (org.). *Teletandem. Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Pontes, FAPESP, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. 327-336 p.